



Revista Internacional de  
Folkcomunicação  
E-ISSN: 1807-4960  
revistafolkcom@uepg.br  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Brasil

Sanchez Baptista, Edilene; Franco, Francisco Carlos; Schmidt, Cristina  
Folkcomunicação: Tradição Oral, Valores e Cultura Dentro do Espaço Escolar  
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 15, núm. 34, enero-junio, 2017, pp. 119-  
135  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631770206016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Folkcomunicação: Tradição Oral, Valores e Cultura Dentro do Espaço Escolar<sup>1</sup>**

*Edilene Sanchez Baptista<sup>2</sup>*

*Francisco Carlos Franco<sup>3</sup>*

*Cristina Schmidt<sup>4</sup>*

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como a tradição oral, compreendida como integrante da cultura de um povo, pode ser disseminada na escola e com isso resgatar os valores dentro do espaço escolar. Partimos de um dos princípios da folkcomunicação que menciona a necessidade de difusão de conhecimentos de maneira pedagógica. Logo, o espaço escolar, torna-se um dos meios mais dinâmicos para se disseminar a cultura popular e com isso ocorrer o resgate de valores morais socialmente aceitos.

### **PALAVRAS-CHAVES**

Folkcomunicação, tradição oral, valores.

## **Folk media: oral lore, values and culture within school environment**

### **ABSTRACT**

This paper aims at demonstrating how oral lore, as an element incorporating people culture, can be disseminated in school in order to redeem specific values within school environment, based in one of the principles of folk media that stresses the need for knowledge to be

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 4: Folkcomunicação e Desenvolvimento Local da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação em Recife – PE na UFRPE/FACIPE.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes, orientanda do Prof. Dr. Francisco Carlos Franco. Artigo apresentado para a disciplina Diversidade Cultural e Direitos Humanos, ministrada pela Profa Dra. Cristina Schmidt.

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica - PUC, de São Paulo. Atualmente é professor do Programa de Mestrado em Políticas e no Curso de Pedagogia na Universidade de Mogi das Cruzes - UMC e professor de cursos de formação de professores na Universidade Braz Cubas - UBC.

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Coordena o Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), onde também é professora e pesquisadora. E-mail: crisschmidt@umc.br

communicated in a pedagogical way. In such a way that school environment is one of the more dynamics means to disseminate popular culture and stimulate moral values that are socially acceptable to come back.

## KEY-WORDS

Folk media, oral lore, values.

## Introdução

A educação é um tema em constante pujança, sempre sujeito ao olhar crítico de pesquisadores, dos gestores públicos e da sociedade em geral. Mais que uma função de formadora de profissionais para o mercado, o ato de educar caracteriza-se, sobretudo, pela função de formar cidadãos. Pessoas que desempenharão papéis na sociedade e influenciarão e sofrerão influências. Em um contexto de globalização e constante mudança, o ambiente educacional torna-se indispensável para a preservação e disseminação da cultura.

Neste sentido, a manutenção das tradições culturais sofre influências ao longo do tempo e de alguns fenômenos: a globalização é um desses fatores. “Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação” (BAUMAN, 2005, p. 34). Segundo Hall (2006) a globalização promoveu deslocamentos no interior das identidades culturais nacionais. O autor defende que isso fez as identidades locais e regionais ganharem notoriedade.

Hall (2006) também afirma que as identidades culturais são marcadas por um hibridismo, que teve origem na migração dos povos pelos territórios do planeta e que essas identidades estão em constante mudança. Portanto, não faz sentido falar em uma identidade nacional, mas sim em um processo de identificação, sujeito a mudanças e transformações.

Essas reflexões são fundamentais para entender o contexto desafiador de preservação das tradições, permeado por singularidades e contradições. A sociedade do consumo, conforme observa Bauman (1999), transforma os indivíduos em consumidores, ambiente possibilitado pela ascensão de uma conjuntura em que tudo é efêmero e está em constante movimento. Conforme observa o autor,

Não se pode “ficar parado” em areia movediça. Nem nesse nosso mundo moderno final ou pós-moderno — um mundo com pontos de referência sobre rodas, os quais têm o irritante hábito de sumir de vista antes que se possa ler toda a sua instrução, examiná-la e agir de acordo. (BAUMAN, 1999, p. 86)

Com isso assinalamos o risco de se perder a memória e os conhecimentos populares sem a consolidação de instrumentos que permitam a manutenção dessa imaterialidade para gozo das futuras gerações. Portanto, o objetivo deste estudo consiste em demonstrar que o espaço escolar pode ser um local de disseminação de cultura. Através da tradição oral, tão realizada no espaço escolar, podemos proporcionar o acesso à cultura democrática, bem como, trazer o resgate de valores morais a luz da folkcomunicação.

Desenvolveremos uma conceituação acerca de valores morais e contação de histórias, esta última como sendo o objeto para que todo o nosso estudo aconteça. Promovemos também uma breve conceituação de cultura para nortear a argumentação de que a cultura humaniza – e faz isso, dentre outras ferramentas, por meio da contação de histórias no ambiente escolar.

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008) a pesquisa qualitativa utiliza majoritariamente dados qualitativos, ou seja, as informações coletadas pelo pesquisador não são retratadas em números, ou a representação numérica assume um papel menor na análise. Para Gerhardt e Silveira (2009):

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Sobre a tipologia da pesquisa bibliográfica, Fonseca afirma que ela é “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. (FONSECA, 2002, p. 32).

### **Os valores morais e as narrativas: breve conceituação e possíveis relações**

Entender valores morais nos remete saber o significado da palavra *moral*, que segundo Ávila (1967):

[...] da raiz latina, “mores” = costumes, conduta, comportamento, modo de agir. É o conjunto sistemático das normas que orientam o homem para a realização de seu fim. [...] ela define as condições do ato livre e o pauta em todas as suas dimensões: na sua dimensão interior ao homem, enquanto comanda o exercício de todas as suas faculdades físicas e mentais, na sua dimensão exterior enquanto tem por objetivo as coisas e outros homens.... e em todas essas relações ela define os deveres que incumbem ao homem cumprir (p.334).

É necessário que saibamos quais valores a nossa sociedade julga como aceitáveis sob o ponto de vista comum, ou seja, sabemos ser um conjunto de normas que temos que seguir, e tais regras devem ser aceitas sem coação por todos os concernidos. Kiel (2005) buscou na Declaração dos Direitos das Nações Unidas sua base lógica para encontrar princípios comuns a diversos princípios adotados pelas culturas do mundo e sua pesquisa resultou em quatro destes, que não são o fim para valor moral mas um norte. Para que não fiquemos com a ideia de que é abstrato e subjetivo demais o nosso tema, vejamos:

Compromisso com algo maior do que si mesmo. Respeito por si mesmo, mas com humildade, autodisciplina e aceitação da responsabilidade pessoal. Respeito e cuidado com os outros (ou seja, a Regra de Ouro). Cuidar dos outros seres vivos e do meio ambiente (p.37).

Comum entre autores é o exemplo de Durkheim, in La Taille (2007), onde, ser moral é obedecer aos mandamentos de um “ser coletivo” superior que inspira um sentimento sagrado por ser temido e desejável. La Taille (2007, p.18) complementa nosso quadro dizendo que das definições de moralidade “todas elas a concebem como um conjunto de deveres”. Mas o que dizer de uma sociedade em transição que pode ser considerada como uma sociedade que está em crise?

Seria correto dizer que passamos por uma crise de valores morais, explicando-se pela falta de projetos, de desespero existencial ou de mediocridade dos sentidos dados à vida estando ligada a questão: “Que vida vale a pena viver?” (La Taille, 2003).

De fato estamos em transição social, os costumes e valores estão mudando rapidamente, Freire (1985, p.33) nos dá um conceito de sociedade em transição, que na maioria das vezes é julgada como crise, segundo o autor vivemos épocas em que construímos determinados valores, e a medida que esses se envolvem há o rompimento deles, segundo ele daí vem a importância em “[...] saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”.

Deste modo, vemos a importância de educadores terem suas intenções muito bem alinhadas com o que se espera da escola atual, para que ao se depararem com esse rompimento que Freire (1985) mencionou, saibam corretamente onde querem chegar. Vejamos o que Puig (1998) nos acrescenta:

[...] do ponto de vista pedagógico, a clarificação de valores baseia-se na ação consciente e sistemática do educador, que **tem por objetivo estimular processos de valorização que levem os alunos à compreensão de quais são realmente os seus valores, para que possam sentir-se responsáveis e comprometidos com os mesmos.** (p.39, nossos grifos)

E Piaget (1994) conecta o quadro dizendo:

[...] é uma tarefa urgente da educação refazer a unidade de nossa consciência reconciliando o bem e o dever, para que o bem maior que é a sociedade não seja prejudicada, para ele o dever é a moral enquanto comanda, uma autoridade que devemos obedecer, portanto uma condição deve estar sob a outra, o indivíduo na sociedade deve respeitar regras. (p.264)

Mas ele ressalta também que o objetivo principal da educação moral é construir personalidades autônomas, logo, a finalidade básica da educação moral segundo Puig (1998, p. 264) “[...] é propiciar ao aluno as condições que estimulem o desenvolvimento do juízo moral”. Tendo consciência moral, o indivíduo consegue conter-se de seus sentimentos indesejáveis para o “bem estar” da sociedade.

Vale destacar também que, segundo La Taille (2007) “[...] há um conceito piagetiano sobre a distinção do bem e do mal, capaz da criança ter, que remete ao conceito de heteronomia e autonomia”, onde no primeiro a criança obedece pura e cegamente às regras a ela imposta, e no segundo ela decide através do seu próprio conceito de que tais regras devam ser obedecidas ou não. Também consideremos que o juízo moral advém de uma padronização de regras e normas escolhidas pela cultura em que se vive naquele momento.

O processo de construção desses valores, segundo Araújo, (2007, p.34) “[...] se dá a todo instante, dentro e fora da escola”. Logo, a escola deve buscar propostas em seu currículo coerentes aos sentimentos, às emoções e aos valores éticos desejáveis em nossa cultura. Araújo (2007, p.34) também destaca que “[...] o processo de construção de valores são incertos e aleatórios”, isto significa dizer que a escola pode buscar estratégias que aumentem a probabilidade dos valores morais se tornarem projeções afetivas e positivas dos agentes

com seus alunos, construindo os valores juntos, nesse sentido a tradição oral vem ser um facilitador.

Dias (2003, p.212) conversa com nosso quadro dizendo ser fundamental que o professor saiba ver com clareza sua função formadora exercida sob seus educandos, logo “[...] sua atuação jamais será neutra e requer uma constante avaliação, parcerias e um engajamento político”. Parafraseando Araújo (2007), os valores morais que o ser humano possui são resultados do processo de aquisição do que é entendido por este sobre o que é valor, ou seja, do ambiente em que ele cresce, os costumes que adquire, é que vão direcionar essa percepção. Porém, não devemos deixar de considerar os valores culturais que são resultados do que o senso comum acredita serem ideais.

Marques (2012, p.35), complementa essa ideia de Araújo (2007) dizendo que “[...] os bons hábitos nascem pela força da boa educação, o que inclui uma imitação de bons modelos, assim acontece na arte de aprender, por modelos e repetição.”, o que implica dizer que devemos educar praticando a generosidade, harmonizando relações e muitas outras qualidades que consideramos, através da sociedade atual, como moral e bons valores.

E complementa dizendo:

[...] a dimensão moral da criança tem de ser tratada desde a educação infantil e se estender por toda a trajetória de sua vida escolar – não necessariamente como conteúdo didático, mas, principalmente, no convívio diário da instituição, para que seja cada vez mais cooperativo e inspire o respeito mútuo (Idem, p.46).

Ou seja, devemos educar os educandos para que tenham atitudes reflexivas, que segundo Freire (1985, p.30), “[...] existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-se objeto de seus conhecimentos”. Essa reflexão é possível através do momento dado a tradição oral dentro do espaço escolar, pois, dadas as finalidades escolares, consideramos esse ser o único momento em que o educando pode se apropriar da cultura.

Tendo o sujeito sido ensinado a ter atitudes anteriormente pensadas por um coletivo torna-se próprio de todos e não privilégio de alguns. E acrescenta na mesma página: “[...] por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade”. Essa reflexão é dada no momento da entrega ao escutar.

É importante frisar que a criança aprende muito mais por experimentação do que por simplesmente ouvir, logo, a criança deve ter experiências que a levem a perceber sentimentos valorizados por nossa sociedade e tornar-se uma pessoa cuja atitude seja refletida antes de cometida. Antunes (2005, p.54) nos mostra que devemos ajudar a criança a construir um bom caráter, desenvolvendo nela a consciência do erro e do acerto. Segundo ele, caráter e consciência expressam a visão que ela possui de si mesma e aproximam-se muito do sentimento de autoestima. O autor também nos acrescenta, na mesma página, que devemos

[...] verbalizar ‘o que é ser uma pessoa bondosa’ tendo em vista que além disso devemos dar exemplos de como ser uma pessoa: honesta, justa, serena, persistente, corajosa ou ainda muitos outros valores [...] mas a utilidade reveste-se de grandeza mais expressiva quando às palavras acrescenta-se gesto da ação.

Na prática, a influência do prestígio do professor afeta quase que diretamente na construção dos valores dentro da escola. Ter uma prática pedagógica condizente com *bons* valores é uma estratégia que talvez possa nos ajudar a promover os valores morais dentro da escola, mais precisamente na educação infantil em todo seu contexto, deixando de lado o relativismo de que os valores são subjetivos e, portanto, não devem ser refletidos e aprendidos na escola.

Ao falarmos sobre a boa educação nos dá oportunidade para refletirmos sobre valores, sobre regras e limites e seus reflexos na vida do ser humano. Logo, é necessário que haja intenção de quem educa. Dentre os ensinamentos sensíveis que a educação infantil tem possibilidade de ensinar, consideremos o Amor, que Inoue (1999, p.21) apud Baba (1992) diz:

Desde os primeiros anos, deve-se ensinar as crianças a cultivar o Amor para todos. O amor conduz à divindade. Hoje não há Amor, e, em lugar da unidade, encontramos antagonismos. Um ser humano sem Amor é pior do que um animal selvagem na selva. Os animais, os pássaros, as árvores são sempre integrados ao seu ambiente. Sua vida está a serviço dos demais, mas o homem, quando é egoísta, não apenas não ajuda, como também causa danos. Sob esse aspecto, os instruídos são piores que os analfabetos. São muitos os adultos cultos que se metem em delitos violentos, ofensas graves à sociedade. Será esse o tipo de transformação que se deva esperar da educação!<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Santhya Sai Baba, Educación Sathya Sai em Humanos. Buenos Aires, Errepar, 1992, p.13



Se os profissionais da educação estiverem dispostos a ter o compromisso diário de construir uma relação de união e afeto, teremos condições de, Segundo Puebla (1997, p.23), “[...] refletir sobre as contradições existenciais e a buscar abordagens para superá-las, podendo assim conscientizar e praticar uma concepção harmônica da vida”.

### **Cultura: um breve esforço de definição**

Para a continuação deste trabalho de correlacionar os esforços de uma educação direcionada a valores com a utilização da tradição oral como apoio pedagógico, faz-se necessário trazer alguns breves apontamentos sobre o conceito de cultura. Isso porque a contação de histórias integra o arcabouço cultural de um povo, definindo sua herança imaterial. A elaboração de um conceito de cultura é uma empreitada desafiadora. O verbete apresenta um grande número de significações, construídas num bojo pluridisciplinar. Segundo Silva e Silva (2010) existem múltiplas definições, não consensuais e que apresentam, inclusive, contradições entre as diversas acepções formuladas ao longo do tempo. Os autores apontam uma definição clássica de cultura, mas ainda atual, proposta por Edward Tylor no século XIX, segundo a qual o significado mais simples do termo

[...] afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA e SILVA, 2010, p. 85).

De acordo com Turner, “cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento” (TURNER, 2000, p. 46). Portanto, podemos identificá-la como o elemento constituinte primário da identidade. Por meio desse conjunto de símbolos, um povo se reconhece, estabelece seu modo de vida e o retransmite para as gerações futuras. No entanto, como advertem Silva e Silva (2010), “todas as culturas têm uma estrutura própria, todas mudam, todas são dinâmicas. Assim, não é possível falarmos de povos sem história, porque tal fenômeno significaria a existência de uma cultura que não passasse por transformações ao longo do tempo [...]” (SILVA e SILVA, 2010, p. 87).

Segundo Chauí (2006) a cultura é um conjunto de práticas contemporâneas, ações, e instituições pelos quais os homens se relacionam entre si e com a natureza e delas se distinguem. “[...] é, pois, a maneira como os humanos se humanizam” (CHAUÍ, 2006, p. 111). Cândido (1995) explica que humanização é o processo que verifica no homem os atributos essenciais, “como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Sobre os aspectos institucionais e marcos legais, os mecanismos de garantia da preservação da cultura no Brasil estão distribuídos na legislação federal, dos Estados e dos municípios. A Constituição Federal de 1988 (CF/1988) reservou uma sessão para tratar especialmente da temática. O texto estabelece a garantia de pleno exercício dos direitos culturais a todos os cidadãos e o acesso às fontes da cultura nacional e afirma o apoio do Estado à valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988). Também prevê a proteção das manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras. Neste sentido, a Carta Magna representa uma conquista significativa na preservação da diversidade.

### **Narrativas orais e Folkcomunicação**

Os contos de literatura oral se perpetuaram na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias e há registros de que a Literatura Medieval surgiu na Europa através desta fonte: popular (prosa que vinha o Oriente) e culta (prosas cheias de aventuras das novelas de cavalaria). Na fonte Popular podemos destacar o idealismo e um mundo mágico e maravilhoso; já na Culta, o destaque é para os valores éticos sociais, os problemas do cotidiano e as lições consequentes da sabedoria prática.

Os contos de fadas tomaram conta da Europa a partir do século XII e foram registrados pelo francês Charles Perrault (1628-1703). São caracterizados pelo simbolismo, além de retratar violência contra mulheres e crianças, práticas canibalistas, incestos e abandono de crianças na floresta devido à fome e a miséria. Algumas narrativas da época podem ser encontradas em diversas obras cristãs, tais como: Disciplinas Clericalis, de Pedro Alfonso, que contém conselhos morais de um pai ao filho; O livro de exemplos, de Clemente Sanchez, que compila mais de trezentos contos de caráter moralizante, sentencioso e doutrinário, usado

por pregadores cristãos; O livro de Esopo, vindo da Grécia, também é um exemplo. O que podemos perceber é que, desde a sua origem, a Literatura Infantil é moldada de acordo com a época e a sociedade vigente.

Para os povos orientais o conto oral era mais do que um estilo literário a serviço do divertimento, eles sabiam que neles estão contidos o conhecimento e ideias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores. (BUSSATO, 2012).

Os contadores estavam por toda parte, eram simples camponeses, lavadeiras, amas, pescadores. Conta Ítalo Calvino que uma velha e analfabeta, costureira de edredões e empregada, era uma campeã de memória. Foi através de suas narrativas que Pitré publicou a sua antologia de contos populares: *Fiabe, novelle, racconti popolari siciliani, em 1875*. Foi também no oriente que se localiza o mais conhecido dos contos populares indianos o *Calila e Dimma*, livro que reúne fábulas, onde os personagens denunciavam as injustiças sociais, desigualdades e os valores pouco dignos cultivados pelo homem, como a inveja, imprudência, arrogância (BUSSATO, 2012).

No Brasil vamos encontrar os registros de contos populares realizados por viajantes, antropólogos e os folcloristas. Entre eles destacamos a figura de Silvio Romero e o grande ouvinte de histórias Câmara Cascudo, que registrou as falas de sua ama e ficou conhecido como o representante da manutenção da tradição oral brasileira.

Sendo a narrativa oral ou escrita é inegável que ela tem um papel de destaque na construção da história local de seus participantes, bem como na elaboração e reivindicação de sua identidade e rememoração. Durante muito tempo a memória era o único recurso de armazenamento e transmissão de conhecimento. Era através das narrativas orais que as pessoas se apoderavam de conhecimento. Eram os narradores os responsáveis por discutir fatos, encadear acontecimentos, perpetuar crenças e manter as tradições.

Isto significa dizer que no momento da narração de histórias há um intenso momento de troca de valores, ideias, conceitos, tradições. Isto é o que Beltrão (2001) chama de Folkcomunicação. Segundo ele, é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. O espaço escolar constitui-se como veículo adequado a promoção de mudança social. É lá que os intercâmbios acontecem através desses veículos e agentes, que as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, estímulo, recreio (BELTRÃO, 2001).

Podemos relacionar a folkcomunicação às narrativas existentes no espaço escolar pois, segundo Beltrão (2001), a folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. Para Beltrão o folkcomunicador recodifica a mensagem midiática e reinterpreta a informação de acordo com os valores da comunidade em que está inserido.

O papel do comunicador é muito importante no processo de folkcomunicação. Neste caso, podemos considerar o papel do professor (que é um comunicador) como sendo uma figura respeitada, ou seja, figura que exerce influência sobre os seus agentes de que Beltrão menciona. Não há dúvidas de que no espaço escolar o educador exerce esse papel. Enquanto os discursos de comunicação social são dirigidos ao mundo, o da folkcomunicação é um mundo em que palavras, signos gráficos, gestos e atitudes, linhas e formas mantêm uma relação muito tênue (Beltrão, 1980, p.40).

Desde os primórdios, o ato de contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos. As próprias definições acerca da história infantil trazem na sua essência essa possibilidade de introdução. Tahan (1957) cita a professora Otília de Oliveira Chaves (A arte de contar histórias, Rio de Janeiro, 1952) onde “a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida”.

Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, inconscientemente, já vivemos na história. Por isso, em nossos dias, pais e professores bem orientados e inteligentes, empregam a história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspirar atitudes nobres e justas, enfim, “[...] e o mais eficaz processo de formar caracteres. E a experiência tem provado, de sobejo, o acerto do caminho seguido.” (idem,p.27, grifos nossos) .

A contação de histórias é um ato folclórico pois é ouvindo histórias que desenvolvemos as relações interpessoais, nela podemos sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Tais expressões são identificadas no que Carneiro

(1965, p.22) complementa dizendo sobre o folclore, como sendo a expressão das aspirações e expectativas populares que represente o pensar, o sentir e o agir das comunidades. E, ao mesmo tempo entendendo-o como processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, pois, dependendo da história a ser contada podemos identificar o que pensa aquela cultura escolar e mais, que valores humanos eles têm.

Não há como negar que as histórias podem trazer sentimentos, emoções, inseguranças, tranquilidade e muito mais, pois aquele momento é tão único que faz com que ouvinte o viva profundamente. É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidades, de espantos, desejos e descobertas, numa dinâmica outra em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), particip(ativa) e em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura. (Dias 2003 p. 97) .

Há socialização na contação de histórias, logo, há folkcomunicação, ao viajar pela imaginação, ao interagir, ela pode ouvir e ser ouvida, fazendo com que haja um significado para si e para o mundo em que ela vive. Também podemos considerar que o momento da narrativa proporciona uma esfera criativa entre narrador e ouvinte, que segundo o autor há a descoberta da:

[...] escuta sensível e interessada, proporcionando ao ouvinte um estado de encantamento inebriante, fazendo-o esquecer-se “de si mesmo”. Ele grava com facilidade a história que é ouvida, assimila a experiência do outro e “adquire espontaneamente”, como diz Benjamin o “dom” de narrá-la e recontá-la um dia. (idem,p.100)

A essa espontaneidade podemos agregar o laço afetivo, pois a relação entre o ouvinte e o narrador, torna-se tão próxima que Dias (2007, p.210) explica que elas ficam entusiasmadas e que as intenções pedagógicas devem proporcionar mudança de vida aos envolvidos, bem como mudança nos valores dos mesmos, isto explica o que o autor chama de “[...] a ‘cultura elaborada’ que propicia que um grande número de vontades, cujos objetivos são heterogêneos, unam-se para atingir a mesma finalidade.”

O processo folkcomunicacional ocorre na escola a medida que os conteúdos são considerados como produtos sociais, culturais e o professor como um agente mediador entre

o indivíduo e a sociedade. Consideremos que o aluno é um aprendiz social, e as práticas sociais influenciam o desenvolvimento das pessoas, logo, são indissociáveis.(DIAS, 2007, p. 211).

Interessante o que Tahan (1957, p.32) nos traz complementando essa ideia dizendo que a contação de histórias ajuda na formação de hábitos e atitudes sociais e morais, através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando-a na vida moral. O autor decorre o capítulo dizendo também que esse entusiasmo cultural que Dias (2007) também diz, é uma ferramenta valiosa ao professor, verificando a importância da mediação do professor, mediação esta que Beltrão (2001) salienta ser necessária para que os processos folkcomunicacionais aconteçam.

Para que a cultura de massa possa ser difundida e portanto conhecida, sendo necessário que os agentes estejam ligados, nesse caso no momento da contação de histórias o agente dá oportunidade de troca, automaticamente os valores vão sendo transmitidos e ressignificados, é um momento cultural incrível. Conectamos a isso o que Chauí (2008) define acerca da compreensão de cultura onde os sujeitos humanos instituem práticas e os valores e...

“A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano” (p.57)

Como agentes da folkcomunicação, os professores presenciam o encontro de pessoas singulares, ou seja, na relação interpessoal dos sujeitos por meio de expressões faciais, dos gestos e da palavra criam vínculo mútuo e se envolvem numa situação – não totalmente programada – de participação conjunta numa tarefa formativa, tarefa que pressuponha pelo menos uma operação que conjugue conhecimento e afeto (ARAÚJO, 2007,p.87).

O momento da narrativa oral é único e somente daquele grupo. O elo de ligação que se forma com a rotina de estarem juntos todos os dias faz com que a criança fique pronta para receber e ou aprender os valores morais em sala de aula, bastando apenas a intenção do

educador nessa relação autêntica, pois, não se discute a importância da diversidade cultural que as narrativas orais trazem, a expansão dos conceitos éticos e estéticos também.

Quando trazemos para a sala de aula histórias de outros povos, além de contribuirmos para que a diversidade cultural seja disseminada, proporcionamos a oportunidade do educando em ver determinado povo através de um olhar poético e com isso produzimos significados de existência, logo há atribuição de valor as manifestações sociais, o aluno passa a se perceber e a perceber o outro na sua comunidade.

Neste contexto, consideramos que a narrativa oral na escola, ou seja, a contação de histórias é um ato folkcomunicação no sentido de relação interpessoal da massa que atua neste momento em uma atividade cultural pois institui um campo de símbolos e signos, de valores, comportamentos e práticas, que Chauí (2008) denomina de pluralidade de grupos e movimentos sociais.

## Considerações finais

A educação é uma temática em constante debate. Debate-la é essencial para a análise e avaliação dos recursos que dispõe para cumprir um de seus objetivos basilares: contribuir na formação do cidadão participando ativamente no processo de transmissão de valores. Na era contemporânea, marcada pela velocidade da informação e pela efemeridade, o ato de educar também representa a possibilidade de preservação da memória por meio da utilização das narrativas orais (como o caso da contação de histórias) em sala de aula.

Preservar a memória é contribuir para a preservação da cultura. A imaterialidade cultural de um povo corre o risco de se perder se não for valorizada, por isso acreditamos que estudos que conectem a folkcomunicação memória e educação contribuem de maneira significativa para a proteção e disseminação para as futuras gerações. Esta é uma reflexão necessária, alvo de pesquisadores e de interesse social. A partir desta compreensão defendemos a necessidade de formulação de políticas públicas que integrem folkcomunicação, educação e cultura. Entender a tradição oral é requisito para preservá-la e integrá-la aos mais variados contextos sociais, mas, principalmente, torná-la uma atividade presente nas salas de aula do Brasil.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2.ed. São Paulo: Scipione;1991.

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto**: como ensinar virtudes e transmitir valores – Campinas – SP, Papirus, 2005.

ARAÚJO, Ulysses F. **Educação e valores**: pontos e contrapontos, São Paulo, Summus, 2007.

ÁVILA, Fernando B. de. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. Rio de Janeiro, MEC, 1967.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de ideias. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001

BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. In: REVISTA Educere et educare, pág. 235-249 Vol. 6 nº 12- Cascavel Paraná - jul./dez. 2011 ISSN 1809-5208

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa, RJ – 2012

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARNEIRO, Edson. **A dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural o Direito à Cultura**. 1ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junio 2008

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

DIAS, Marina Celia Moraes e Nicolau, Marieta Lucia Machado (orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância** – Campinas – SP: Papirus, 2003 (coleção Papirus Educação).



FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Metódos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas. 2ª edição. 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**, São Paulo, Paz e Terra, 1985

GERHARDT, Tatiana Engel (Org.); SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120p.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KIEL, Fred. **Inteligência moral**: descubra a poderosa relação entre os valores morais e o sucesso nos negócios; tradução Marcello Lino. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

KRAMER, Sônia; BAZILIO, Luiz Cavallieri. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2008.

LA TAILLE, Yves. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas, Porto Alegre, Artmed, 2006.  
MACHADO, Ana Maria e Rocha, Ruth. **Contando histórias, formando leitores**, Campinas, SP: Papirus 7 mares, 2011 – (coleção Papirus Debates)

MARQUES, Maria Helena. **Como educar bons valores**: desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor, São Paulo: Paulus, 2012. (coleção pedagogia e educação)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

NEVES, Margarida de Souza; Lobo, Iolanda Lima, Mignot, Ana Cristina V., Meirelles, Cecília. **A poética da Educação**, Editora Loyola, 2001.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**, tradução de Elzon Lenardon. – São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, Josep Maria – **A construção da personalidade moral**, São Paulo, Editora Ática, 1998.

PUEBLA, Eugenia – **Educar com o coração**: uma educação que desenvolve a intuição – São Paulo, 1997.

SCHIMIDT, Cristina, (organizadora), **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos, São Paulo, Ductor, 2006

SILVA, Maciel Henrique; SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para crianças e pelas crianças, São Paulo, Cultrix, 2009.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1957.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Editora Markon, 2000.

**Artigo recebido em:** 16/05/2017

**Aceito em:** 20/06/2017